

Pensando o saber ancestral na umbanda: uma experiência de estágio em espaço não-formal no centro de umbanda Reino da Mãe Oxum e do Pai Ogum*

*Gabriel de Paula Brasil***

Resumo

O presente trabalho surgiu a partir do relatório de regência, proposto pela disciplina de Estágio Supervisionado I, que tem por objetivo proporcionar a vivência da prática docente em espaço não-formal. A Umbanda carece de espaços de discussão e aprendizado sobre sua própria história. De fato os praticantes se restringem em reproduzir suas práticas sem conhecer suas origens. No entanto, devido a uma série de fatores, as pessoas têm buscado mais conhecer a história de sua religião para assim fortalecer sua identidade e, sobretudo sua unidade. O Centro de Umbanda Reino da Mãe Oxum e do Pai Ogum, templo afro-religioso localizado num bairro de classe média de Porto Alegre, vai ao encontro desta perspectiva ao disponibilizar sua infra-estrutura para alcançar estes objetivos. A comunidade ao qual se destina este trabalho é a umbandista e/ou simpatizante, que é extremamente heterogênea. A execução deste trabalho reflete alguns objetivos pessoais, como a possibilidade de relatar tal experiência, analisada sob a perspectiva da educação, e talvez a criação de um instrumento para desmistificação do caráter errôneo atribuído a religião.

Palavras-chave: Ancestralidade. Educação Não-Formal. Umbanda.

Introdução

Ao realizar esta etapa de estágio curricular é necessário inserir-se em um espaço não-formal para a prática docente. Como para desenvolver um trabalho, devemos ter empatia pelo assunto, elegei um centro de Umbanda, religião esta tão pouco estudada, como sendo o mote central deste trabalho, e nele reconhecer o saber ancestral presente ao culto. Este assunto muito me interessa, pois tenho experiência, bibliografia e com o qual convivo cotidianamente. Por tais razões tentarei analisar o quanto a umbanda, por muitos mal vista, cresceu ganhando contornos mais definidos, analisando sua contribuição no processo cultural, após sua legitimação como uma religião.

Quer-se mostrar que sua aceitação pela sociedade, está expressa em quem a procura, encontrando nela um esteio, para preencher uma lacuna deixada pelas religiões que não atendem suas necessidades, de caráter mais popular. Escrever sobre um assunto onde se está inserido facilita bastante sua compreensão.

Mostrar a relevância da umbanda no contexto sócio-cultural brasileiro, analisando-a sob uma perspectiva histórica, e demonstrando a existência de conceitos históricos e de educação em sua trajetória. Espera-se com este trabalho oferecer um instrumento que ajude a diminuir o preconceito, do qual a religião é vítima, e destituir a má impressão que lhe é atribuída, que contribuiu para atenuar a perseguição em relação às religiões afro-brasileiras.

De filho da casa à professor

No dia em que foi realizada a observação, se deu início aos trabalhos após o período da quaresma, obedecendo assim a preceitos católicos existentes no culto, a assistência estava cheia, mais de cem pessoas, corpo mediúnico praticamente completo. Durante este período, perceberam-se inúmeras diferenças, começando pela origem dos frequentadores, em sua maioria de classe média-baixa, demonstrando o caráter mais popular da Umbanda. Fator fortemente

evidenciado também foi o número expressivo de mulheres, de 40 médiuns, somente 10 homens.

Conversando com eles, notei a existência de um abismo quanto ao grau de escolaridade dos frequentadores, a grande maioria tem no máximo ensino médio, quando não o fundamental, séries iniciais, apenas cinco cursam ou cursaram o ensino superior. Mas quanto a isso nada nos impede de prosseguir com o projeto, tendo em vista que na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes (GOHN, 2006, p. 2), ou seja, são as relações de troca que fomentam a prática.

Comentei que gostaria de trazer para terreira, aquilo que aprendi em sala de aula, sobre história e que poderia ser aplicado lá, porém a participação deles seria primordial, para o andamento dos trabalhos. Visto partir da premissa de que na prática não-formal, o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos (GOHN, 2006, p. 29).

Como membro do corpo mediúnico, e conhecendo a maioria há mais de dez anos, pedi para que me trouxessem vivências suas naquele espaço, pois pretendia a interação dos membros da Casa com esta novidade. Esta iniciativa estabelece formação de um saber, e desenvolvimento da consciência de pertencimento da comunidade local (GOHN, 2006). Causei certa estranheza, por meu interesse em realizar as oficinas naquele ambiente. Deixei claro que meu planejamento exigia a participação de todos, mas lembrei-os que as dinâmicas existentes no ensino não-formal são diferenciadas das aplicadas em sala de aula, tendo como característica, conforme Garcia (2006), “a importância e relevância das ações da prática e dos saberes e fazeres cotidianos”.

O ambiente acolhedor faz com que nos sintamos a vontade, e nos dá ânimo para prosseguir com o projeto. Conforme Garcia (2006) ao apontar e oferecer outras possibilidades diferentes das escolares, não burocrizadas, menos hierarquizadas, mais rápidas e algumas propostas mais econômicas, não deve tomar para si a salvação do sistema formal de ensino. E os assuntos a serem tratados foram recebidos com muita alegria, pois não percebiam que a terreira

poderia ser um local onde se pode dar aula, e ainda planejá-la, baseando-se em aspectos presentes no ritual.

Assim a educação não-formal, por ter mais flexibilidade em relação a tempos e conteúdos, e por não ter mecanismos direcionadores fixos, possibilitar a criação e propiciar e favorecer ações transformadoras, vem a ser confundida com uma educação intrinsecamente transformadora. Ela é transformadora sim, mas adapta-se a realidade do local onde está sendo aplicada. E a possibilidade de realizá-la em um ambiente em que estou inserido, me deixou a vontade, e permitiu um melhor entendimento dos ouvintes, oportunizando a expansão de novas perspectivas, que serão apresentadas.

Saravá meu pai: a percepção da ancestralidade na umbanda

No planejamento fora proposto a exibição do documentário Santo Forte, que mostra um panorama da religiosidade brasileira através de depoimentos colhidos na favela Vila Parque da Cidade. Por tratar de uma forma bastante simples, de fácil compreensão e assimilação, não houve problemas para o seu entendimento. Em qualquer situação de regência, sendo em espaço formal ou não, a utilização deste artifício para a construção de conhecimento histórico permite “materializar, pelas imagens, realidades e valores, de forma rápida e prazerosa, e justamente aí se manifesta seu caráter educativo e pedagógico” (CASTRO, 2010, p. 281).

Ao término do filme pediu-se a opinião sobre este aos presentes, para estabelecer a partir daquele momento o papel de professor/mediador, visto a necessidade da interação e participação dos alunos/oficinandos, fator este, peça-chave para o desenvolvimento das atividades. Visto partir da premissa de que na prática não-formal, o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos (GOHN, 2006, p. 29).

Após a exibição discutiu-se sobre a trajetória da Umbanda no passar dos anos. Proporcionando-lhes informações que até então desconheciam, como sua real origem, ocorrida em um centro espírita

carioca, ou a perseguição sofrida durante os anos de chumbo, entre outras tantas levantadas.

Como alguns dos membros do corpo mediúnico têm bastante idade, e são seguidores desde novos, participaram com suas vivências, pois de certa forma, fizeram parte da história da Umbanda. Como foi o caso da chefe espiritual¹ que contou um fato ocorrido por volta dos anos 60, auge da repressão e um dos períodos que a Umbanda mais sofreu.

A polícia invadiu a terreira do fulano atrás de um ladrão que tinha entrado correndo na terreira, e se escondeu atrás do congá. Daí o Ogum dele que tava no mundo disse que era pros policiais terem calma que eles, não precisavam machucar ninguém, que eles podiam entrar e pegar quem eles tavam procurando, que tava escondido atrás do congá².

Outra demonstração da época em que estes mais velhos viveram, é quando uma das médiuns fala da proibição do pai:

A mãe não podia ir por que o pai não gostava, dizia que era coisa do diabo, que mulher dele não ia pra batuque, não podia sair de casa sem autorização dele. A mãe sofreu um bocado, coitada tinha que ir escondida. Mas o Sete Cruzeiro³ dela conseguiu dobrar o pai⁴.

O pensamento machista da época fora fortemente evidenciado nesta fala, e a repressão, a ponto da mãe se esconder para poder praticar a religião em que se sentia segura. Além disso, percebe-se também a questão da ancestralidade, quando da participação destes como agentes históricos, e quando remetem a casos contados ou vividos por seus ascendentes.

Neste primeiro contato fez-se perceber que a educação não-formal possibilita uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes (GOHN, 2006, p. 2), ou seja, são as relações de troca que fomentam essa prática.

No decorrer das oficinas, fatos se sobressaíram. Pode-se dizer que o encontro seguinte fora o momento mais engraçado, onde deveria

cantar um ponto⁵ que gostasse, o problema era escolher apenas um, e cantá-lo fora da hora de sessão, a grande maioria esqueceu ou se confundiu. Para história oral, a voz dos umbandistas não é apenas uma fala, mas é o esteio da existência sagrada e profana, pois é a partir da memória e da voz que se constrói sentido do mundo. Depois de muitas risadas trouxe-lhes conceitos de história oral, sua importância entre outros fatores, pois:

Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas, [...] tem encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias. [...] mas de modo geral a história oral tem dado espaços, preferencialmente, a aspetos ocultos das manifestações registradas. (MEIHY, 1996, p. 11).

Percebe-se com isso, que esta “minoría” dos umbandistas, apóia-se à história oral, e difunde as vozes ancestrais, procurando manter a lei do grupo, fazendo-se, por isso, um exercício de sabedoria, tornando a memória uma evocação do passado, uma forma de guardar o que se foi, salvando-o do esquecimento (CHAUÍ, 1995).

O ato de repassar os conhecimentos traz consigo um pouco da história da umbanda, mostrando assim, sua importância para manutenção da tradição na cultura brasileira. Buscando com isso, mostrar como a oralidade é importante no processo de conservação da memória coletiva dos terreiros. A oralidade é responsável por perpetuar os ensinamentos ancestrais; sem ela perderíamos conhecimentos valiosíssimos, levando-se em conta de suas fontes terem prazo de validade.

Quando me referi a esta tradição oral, surgiram algumas ideias para não perdermos alguns conhecimentos. A tradição da benzedura, das ervas medicinais, está se perdendo, não está havendo mais interesse, comentei que seria interessante que todos nós tivéssemos esse conhecimento. Foram comentando também contradições presente nos pontos, coisas engraçadas sem nexos, que poderiam ser discutidas pela lingüística.

O conhecimento das ervas medicinais passado por nossa chefe

espiritual é espantoso, coisas que nem imaginávamos ter alguma serventia, tinham algum fim curativo. Os pontos, orações, benzeduras e as ervas medicinais são preservadas pela memória, sobrevivendo, sobretudo por meio desta tradição oral. Essa ação é percebida por Meihy ao dizer que:

Quer seja para arquivamento de experiências, ou para promover entendimento ou explicação de determinadas situações, a história oral deve obedecer a um sentido prático, utilitário e dialogar com a comunicação pública. (MEIHY, 1996, p. 17).

A tradição oral, além de fortalecer relações entre pessoas e comunidades cria uma rede de transmissão de tipos distintos de conhecimento e de modo de vida. Essa relação de aprendizagem informal é importante na estruturação e consolidação da cultura do grupo. Recuperar a oralidade estimula os laços de solidariedade e integração social que sustentaram e sustentam a memória coletiva.

Perto do final começou a perder o foco oficina, o assunto continuava relacionado a aspectos de história oral, porém não mais falando sobre os pontos e sim de benzeções e práticas de curas alternativas, fora um aprendizado extra. Em Freire (1983), percebemos a impossibilidade de refletir sobre a educação sem pensar sobre o ser humano e encontrar em sua natureza o núcleo, o fundamento que dá sustentação ao processo educativo.

A música Babá Alapalá, interpretada por Rita Ribeiro, foi apresentada no encontro seguinte, tem-se que o uso da linguagem musical nos permite encontrar os valores sociais expressos nas várias formas de manifestações da sociedade. Pela análise musical podem-se desvendar relações que envolvem vários grupos sociais e suas práticas culturais. Logo se percebe que “a música tem-se constituído como um recurso pedagógico precioso em sala de aula, assim como uma excelente fonte de pesquisa sobre o passado” (DUQUE, 2010, p. 267).

Pedi para que escutassem atentamente a letra desta música, pois ela retoma conceitos de história oral e fala da questão da ancestralidade.

O que assim mantém viva a memória dos antepassados, como os *griots*, velhos contadores de histórias da África. A celebração dos antepassados é uma prática comum a Umbanda, ao serem cultuados espíritos que já estiveram neste plano, estes percussores da lei de Umbanda.

A ancestralidade aparece como opção de releitura da contemporaneidade, cabendo a cada um cuidar para que não se perca suas qualidades e atributos pessoais, correspondentes aos antepassados. Segundo Garcia (2005, p. 37) a educação não-formal rompe com os procedimentos e ações que são comuns ao sistema formal de ensino, ou seja, as práticas marcadamente escolares. Assim, as práticas que não são usuais no sistema formal de ensino são consideradas não-formais. A busca da ancestralidade, tecida nas malhas da tradição, que aflora ao presente, inspira e fornece ferramentas para constituírem espaços de vida e ampliar seus direitos frente ao mundo católico.

Quando da contação de histórias, mais uma vez o riso tomou conta, porém confundido com lágrimas, pois algumas das histórias foram de superação ou saudade. Relembrar suas histórias fora marcante aos presentes, baseado nisso pode-se ater-se a concepção de Garcia (2006), que enaltece a importância e relevância das ações da prática e dos saberes e fazeres cotidianos. O respeito às experiências de vida, à cultura, ao saber e à visão de mundo da comunidade está norteado pelos valores ancestrais que se vivencia e partilha.

Este ideal é um incentivo ao culto ancestral, isso porque em muitas sociedades o status ancestral é ligado intimamente ao êxito. Em algumas comunidades, uma pessoa sem prole não pode transformar-se num antepassado, por não ter sido idônea. A preocupação com a comunidade e com sua segurança está relacionada com seus antepassados, visto que “a religião apoiava-se em sociedades secretas cujo objetivo era tirar força dos espíritos para curar doenças, assegurar a fertilidade combater feitiços” (DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2004, p. 26). Mesmo depois de morto o antepassado continua a ajudar aqueles que precisam.

Outra forma de celebrar seus antepassados é nomear um

descendente com o nome de um antepassado próspero, ou presentear com uma veste, para que ele adquira as virtudes deste (SANT'ANA, 2006, p. 22). Esta opinião é difundida, no pensamento que desta forma o antepassado sobreviverá no seio familiar e não será esquecido. Compreende-se que a ritualização da morte nas religiões afro-brasileiras é expressiva nas suas matrizes em geral e que os mortos e a própria ancestralidade exercem fatores intrínsecos para a história dessas religiões. A busca da ancestralidade, tecida nas malhas da tradição, que aflora ao presente, inspira e fornece ferramentas para constituírem espaços de vida e ampliar seus direitos frente ao mundo católico.

No último encontro, desenvolveu-se o que se pode considerar o ponto intrínseco das abordagens dadas, criou-se a árvore genealógica da Casa, para que assim pudéssemos visualizar nossos elos. Pois como se refere Gadotti (2005), a educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática, ou seja somos todos iguais, somente temos mais ou menos tempo de Umbanda. A família acaba por criar redes sociais que são regidas por divisões e hierarquias. As casas de culto são regidas por normas e noções de obediência e disciplina, de proteção e assistência, de gratificações e sanções, de tensões e conflitos. Preservar as crenças no estrito limite dos grupos familiares, muitas vezes reproduz metaforicamente a família e os laços familiares através da congregação religiosa.

Escolheu-se um vídeo da série Orixás da extinta TV Manchete, do Orixá Omolu, que enfoca na questão familiar a questão do abandono, a figura da mãe que não tem contato com o filho e da adotiva, por consequência, a mãe carnal e a mãe de santo. Para Gohn (1999), a educação não formal tem campos ou dimensões que correspondem a sua área de abrangência respeitando as particularidades e a singularidade dos sujeitos.

Para finalizar comentou-se sobre a importância da família que se cria em um terreiro, dos elos que se estabelecem e do aprendizado que cada um pode fornecer ao seu irmão. Durante os trabalhos, simbolicamente reuniu-se a “família” para comungarmos com nossos guias por uma noite de trabalho com êxito. Esta “família” que habita

o imaginário é estabelecida, quando da iniciação, e assim reúne todos em torno das homenagens as entidades, o que se torna uma atitude natural. Mostra-se uma forma de organização pautada pelas relações familiares que extrapolam quaisquer laços de consanguinidade. Segundo Brites “Na perspectiva antropológica o parentesco é relação social que nem sempre tem a ver com laços de sangue” (1994, p. 75).

A família criada nos terreiros ampliara os limites do parentesco, torna-se uma extensão da família consanguínea, sendo uma dimensão importante para compreensão dos cultos afro-brasileiros. Além disso, os laços familiares criados em torno do culto dos ancestrais representaram a possibilidade de recompor simbolicamente laços de parentesco desfeitos no passado. A forte vivência de vida na comunidade, expressada pela participação na vida em comum, em que o indivíduo é introduzido por vários ritos de iniciação. Isto esclarece o sentido profundo de família mostrada pela ligação com os antepassados.

Conclusão

Esta experiência fora bastante proveitosa, como se tratava de um tema do qual tenho maior segurança devido minha vivência e minha pesquisa. Tudo correu dentro dos conformes, atendendo tanto as expectativas dos médiuns, quanto as minhas. O caráter evolucionista presente na formação da população e o papel civilizador brasileiro, assinalado pelo crescimento da quantidade de adeptos e refluxo na organização coletiva, permitiram-nos perceber o aumento do interesse público na religião e a gama a qual abrange.

Com a evolução desta religião, novidades surgem, novos adeptos a seguem e perspectivas diferentes sobre a doutrina se formam, nesta religião que começa a alicerçar-se. Concluindo-se o quanto esta religião, muitas vezes mal vista, cresceu ganhando contornos mais definidos, analisando a contribuição no processo cultural, após sua legitimação como uma religião. Agora aceita pela sociedade que a procura, encontrando nela um esteio, preenchendo o vazio deixado pelas religiões que não atendem suas necessidades.

Por isso, o ensino de história em espaço não-formal, contribui, antes de tudo, para a formação da cidadania de forma consciente, através da análise e da crítica que é apresentada sobre o passado e o nosso presente. Assim sendo tem-se o propósito de que o ensino de história nos remeta a compreender, e ao mesmo tempo, trabalhar as diferenças que até hoje alimentam a ideologia dominante, o que dificulta o processo da cidadania.

Pode-se dizer que se tentou criar um mecanismo que eleve a resistência e a luta pelo direito ao pluralismo de credos religiosos, pois vivemos numa sociedade democrática onde não pode haver discriminação religiosa. Estes saberes favorecem ao educando incorporar a racionalidade e a intersubjetividade que norteiam a construção do conhecimento histórico-científico, levando-os a assimilar e discutir o conhecimento histórico oriundo dos diferentes setores sociais.

Notas

* Graduado em História pela Faculdade Porto-Alegrense FAPA. Professor da Rede Pública Estadual de Educação do Rio Grande do Sul; membro do Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros da FAPA (NEAAB-FAPA) e do Grupo de Trabalho de História das Religiões e Religiosidades da ANPUH-RS (GTHRR-RS).

¹ O termo mais popular pai/mãe-de-santo, é comum no Batuque/Nação e no Candomblé, na Umbanda utiliza-se chefe espiritual ou cacique. Estes termos demonstram a aproximação da religião com o Kardecismo e os rituais indígenas.

² Fato contado pela chefe espiritual deste Centro de Umbanda. Em 07 de maio de 2011.

³ Entidade pertencente a linha dos Exus.

⁴ Fato contado por um dos membros do corpo mediúnico, em 07 de maio de 2011.

⁵ Cântico entoado para invocar as entidades.

Referências

BRITES, Jurema. Tudo em família: religião e parentesco na umbanda gaúcha In: ORO, Ari Pedro (org.). **As religiões afro-brasileira no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1994, p.74-88.

CASTRO, Nilo André Piana de. Leitura midiática na sala de aula e nos cursos de extensão: interpretando e construindo conhecimento através de imagens em movimento. In: **Ensino da História: Desafios Contemporâneos**. Porto Alegre: EST: XCLAMAÇÃO: ANPUH/RS, 2010. pp. 279-291.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

DUQUE, Luís Guilherme Ritta. Quinze canções para compreender a Ditadura militar brasileira: a música como prática pedagógica em História no Ensino Básico e Superior. In: **Ensino da História: Desafios Contemporâneos**. Porto Alegre: EST: EXCLAMAÇÃO: ANPUH/RS, 2010. pp. 267-278.

FÁVERO, Osmar. **Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 99, p. 614-617, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 07 mar. 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Trad. Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins. - 6 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: Ensinar e aprender com sentido**. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/boniteza.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2011.

GARCIA, Valéria Moreira. Educação não-formal: um mosaico. In: PARK, Margareth Brandini. FERNANDES, Renata Siero. **Educação Não-Formal**. Contextos, percursos e sujeitos. Campinas: SP; Holambra: Unicamp/CMU: Setembro, 2005.

GARCIA, Valéria Aroeira. Histórico da Educação Não-Formal. In: **I Congresso Regional de Educação de Pessoas Adultas**. UFSCar, São Carlos, 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. - São Paulo: Cortez, 1999.

_____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. In: **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, São Paulo, 2006, vol. 4, n. 50.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo:

Loyola, 1996.

SANT'ANA, Elma. **As parteiras**. Porto Alegre: SIMERS/CORAG, 2006.

Abstract

This paper is a report from the regency, as proposed by the discipline of Supervised Internship I, which aims to provide the experience of teaching practice in non-formal space. Umbanda lacks opportunities for discussion and learning about their own history. In fact practitioners are restricted in their play practices without knowing its origins. However, due to a number of factors, most people have sought to know the history of their religion so as to strengthen their identities, and especially its unity. The United Umbanda Center of Mother and Father Ogun Oshun, african-religious temple located in a middle-class neighborhood of Porto Alegre, to meet this perspective to offer its infrastructure to achieve these goals. The community to which this work is intended to Umbanda and / or sympathetic, which is extremely heterogeneous. The execution of this work reflects some personal goals, such as the ability to report such an experience, analyzed from the perspective of education, and perhaps the creation of a tool for debunking the erroneous character attributed to religion.

Keywords: Ancestry. Non-Formal Education. Umbanda